

# O JARDIM DE EPICURO: ENSINO, AUTOSSUFICIÊNCIA E CELEBRAÇÃO

## THE GARDEN OF EPICURUS: TEACHING, SELF-SUFFICIENCY AND CELEBRATION

REBECA FIGUEIRA MARTINS<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0004-0328-1546>

**RESUMO:** Epicuro realizou um diagnóstico de seu tempo e identificou a existência de concepções equivocadas sobre a morte, os deuses e os desejos. As opiniões que produziam tais equívocos eram cultivadas na cidade para manipular a ação de seus viventes, sob uma égide temerosa e reativa. Por antítese a essas, Epicuro investigou a natureza, a fim de atingir um conhecimento de acordo com os seus padrões. Da compreensão dos limites da natureza e das instruções éticas para viver alinhado a ela, deriva-se um manual da vida prática. Nesse contexto, é embutida uma dimensão comunitária ao epicurismo, capaz de modificar o modo de ser e de viver de seus discípulos, sobretudo, pela fundação de uma comunidade que lhes serviu de casa e escola. O “Jardim” surgiu como uma alternativa à cidade e foi uma confraria onde os amigos-discípulos podiam realizar os objetivos mais práticos da doutrina, para alcançar uma “vida feliz”. O objetivo deste texto está em apresentar ao menos três tipos de práticas ou atividades básicas – acerca do (1) ensino, da (2) autossuficiência e das (3) celebrações – que podemos entender como próprias da comunidade epicurista, uma vez que instanciam um *modo de vida* derivado de uma *pragmateia*, de um sistema filosófico cuja finalidade é o alcance do *prazer*, da *ataraxia* e da *aponia*. O modo de vida vigente no Jardim e suas regras de conduta expressam, mais objetivamente e a título de exemplo, a existência de relações que tinham como base a senioridade e a amizade, e que se realizavam a partir de atividades como as de meditações coletivas, de plantio e cultivo de alimentos e de celebrações. Elas foram capazes de garantir a satisfação dos desejos naturais e necessários ao sábio, reforçando um tipo de confiança e, por consequência, de segurança, propriamente epicuristas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epicuro; Jardim; Comunidade; Ensino; Sistema.

**ABSTRACT:** Epicurus carried out a diagnosis of his time and identified the existence of mistaken conceptions about death, gods and desires. The opinions that produced such mistakes were cultivated in the city to manipulate the actions of its inhabitants, under a fearful and reactive aegis. In antithesis to these, Epicurus investigated nature in order to achieve knowledge in accordance with his standards. From understanding the limits of nature and the ethical instructions for living in line with it, a manual for practical life is derived. In this context, a community dimension is embedded in Epicureanism, capable of changing the way of being and living of its disciples, above all, through the founding of a community that served as their home and school. The “Garden” emerged as an alternative to the city and was a fraternity where friends-disciples could achieve the most practical objectives of the doctrine, to achieve a “happy life”. The objective of this text is to present at least three types of basic practices or activities – about (1) teaching, (2) self-sufficiency and (3) celebrations – that we can understand as typical of the Epicurean community, since they instantiate a way of life derived from a *pragmateia*, from a philosophical system whose purpose is the achievement of pleasure, from *ataraxia* and

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (POSDEFIL) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista da CAPES. Contato: [rebeca.martins@aluno.ufop.edu.br](mailto:rebeca.martins@aluno.ufop.edu.br). Link do currículo: <http://lattes.cnpq.br/1876592495881155>.

*aponía*. The current way of life in the Garden and its rules of conduct express, more objectively and by way of example, the existence of relationships that were based on seniority and friendship, and that were carried out through activities such as collective meditations, of planting and growing food and celebrations. They were able to guarantee the satisfaction of the wise man's natural and necessary desires, reinforcing a type of trust and, consequently, security, which is truly epicurean.

**KEYWORDS:** Epicurus; Garden; Community; Teaching; System.

## Introdução

De acordo com Epicuro, todos os males que perturbam o nosso corpo e a nossa alma estão fundados em crenças, superstições e opiniões vazias (*kenòn doxai*) – em desacordo com a natureza –, que dizem respeito às ideias fantasiosas que a multidão cidadina aderiu ao longo do tempo, na tentativa de explicar alguns acontecimentos da vida considerados “obscuros”, como a morte ou a existência dos deuses. Essas explicações formam opiniões não atestadas pelo curso da natureza, e, por isso, vãs; na maioria das vezes, são explicações que intensificam a “obscuridade” do assunto e, por consequência, a própria perturbação causada pela falta de significados acordados à natureza. Epicuro tentou expurgar essas opiniões vazias a favor de uma vida tranquila, imperturbável, apresentando àqueles que desejavam segui-lo o conhecimento sobre a natureza de temas que, antes, pareciam irresolúveis. É nesse contexto que devemos entender os homens como doentes, uma vez que suas disposições eram resultadas de uma tradição de pensamento que perpetuava crenças controversas, causando-lhes perturbações. A filosofia aparece, pois, como uma medicina, como algo capaz de curar o homem, incidindo naquilo que atormenta a sua alma e o seu corpo.<sup>2</sup>

Epicuro formulou o *tetraphármakon*, um quádruplo remédio capaz de instruir, de modo acessível, mas não menos rigoroso, o caminho necessário para uma vida feliz. Ele consiste em uma receita de quatro ingredientes: “Tens opiniões reverentes sobre os deuses e, em relação à morte, é o tempo todo destemido; leva em conta o fim natural - compreendendo seja que o limite dos bens [o prazer] se completa e é obtido facilmente, seja que o limite dos males [a dor], por sua vez, é curto tanto no tempo como nas penas”<sup>3</sup>. Em outras palavras: “1) o sábio não teme os deuses; 2) o sábio não experimenta preocupação diante da morte; 3) o prazer é fácil de atingir; e 4) o mal é fácil de suportar”<sup>4</sup>. Em conjunto a ele, outra máxima se desenhava: a de que era

<sup>2</sup> Daqui deriva-se a imagem do filósofo como um médico: na medida em que os homens estão doentes, a filosofia se apresenta como uma medicina para a alma (cf. Wolff, 2021, p. 177).

<sup>3</sup> DL, X, 133 (Epicuro, 2021b, p. 89). Há mais duas ocorrências do *tetraphármakon* na bibliografia primária: as quatro primeiras *Máximas Principais* (DL, X, 139-140; Epicuro, 2021b, p. 127) e as *Sentenças Vaticanas* 1, 2 e 3 (Epicuro, 2021a, p. 24-29).

<sup>4</sup> Dorandi, 2011, p. 41.

preciso se afastar dos espaços cujas perturbações eram mais incidentes. No dizer de Epicuro, “aquele que melhor consegue não se perturbar com as coisas exteriores se torna um aliado de tudo o que pode e, em relação àquilo que não pode, ao menos não um inimigo; mas tudo quanto nem sequer isso é possível evita a relação e faz tudo o que é útil para manter distância”.<sup>5</sup> Aquele que consegue evitar as perturbações da cidade se torna um aliado a tudo aquilo que não precisa evitar, mas, sobretudo, não é capaz de se tornar um inimigo daquilo que não pode evitar. Quando, entretanto, nem mesmo essa configuração é possível (como é o caso dos epicuristas), a pessoa deve fazer de tudo para se distanciar dessas perturbações e do lugar onde elas vigoram – a cidade.

Ao distanciar-se, a direção seguinte leva o epicurista ao Jardim e a todos os elementos e atividades que ele dispõe, não só porque a relação entre a fisiologia e a ética, isto é, entre a natureza do todo e o alcance da vida prazerosa, tem a sua contrapartida comunitária, mas porque parece impossível para o epicurista alcançar a felicidade sozinho. Com efeito, a amizade e, portanto, a sociabilidade e a comunidade existente entre os epicuristas se apresentarão como o componente-chave, como a melhor maneira de se alcançar o prazer.<sup>6</sup> Assim, se é correto afirmar que o conhecimento da fisiologia proporcionou certa segurança em relação à natureza das coisas e tudo aquilo que concerne a elas, como no caso dos deuses e da morte; e que o conhecimento básico da vida humana, bem como de sua preservação e manutenção, proporcionou uma certa segurança na relação dos discípulos um para com o outro; pode-se dizer, também, que a prática da amizade no seio do Jardim e suas respectivas atividades cotidianas, forneceu uma certa segurança em relação ao cultivo da *pragmateía* epicurista e às mudanças do destino.

O estudo da natureza e a ética epicurista estão interligados sob o domínio de certa “inteireza” ou “inseparabilidade”,<sup>7</sup> funcionando a serviço de uma mesma orientação, que também podemos chamar de uma mesma *pragmateía*. Tal orientação tem como finalidade conduzir o epicurista à sabedoria necessária ao alcance de uma vida feliz. O aspecto mais relevante dessa *pragmateía* está no fato de que o conhecimento é orientado e limitado pela própria doutrina, que possui como critério e preocupação a realização segura daquilo que é natural e necessário ao ser humano. Objetivamos compreender as práticas e atividades que vigoraram no seio do Jardim, pois acreditamos que essa é, também, uma possibilidade de

<sup>5</sup> MP 39 (Epicuro, 2021b, p. 132).

<sup>6</sup> Sobre a relação intrínseca entre a vida feliz e a amizade, afirmou Santos (2021, p. 15): “Eliminadas as causas que atentem contra a saúde do corpo e a tranquilidade da alma, para se achar preparado para uma existência abençoada o homem precisa ser guiado por um princípio que lhe aponte o caminho a seguir para uma vida feliz. Esse princípio é o do prazer e a melhor forma de o cultivar é a prática da amizade”.

<sup>7</sup> Silva, 2018, p. 18.

compreender o modo pelo qual os conceitos e elementos centrais da doutrina – “natural e necessário”, “segurança”, “vida feliz” etc. – operaram. Diante disso, o texto estará dividido em duas partes, de modo que a primeira seja preliminar à segunda. Na primeira seção será discutida a relevância da doxografia e da biografia dos filósofos, que também são filosóficas, bem como, explicitado o que entendemos por “modo de vida” ou “exercício filosófico”. Na segunda e última seção, apresentaremos a comunidade do Jardim como consequência de uma *sociabilidade filosófica* iniciada muito espontaneamente pelos epicuristas. Ela estará subdividida em três partes equivalentes aos três tipos de atividades – acerca do ensino, da autossuficiência e das celebrações – que identificamos como próprias do Jardim, responsáveis pela incorporação da doutrina no cotidiano da *confraria*.<sup>8</sup>

## 1 A doxografia filosófica e o modo de vida

Cabe ressaltar que no *corpus* epicurista os conteúdos são expressos ora por fragmentos, nas *Máximas Principais* (MP), nas *Sentenças Vaticanas* (SV) e no *Da natureza*,<sup>9</sup> ora por pequenos resumos, epítomes, sínteses do pensamento de Epicuro, registrados em cartas a *Heródoto*, a *Pítocles* e a *Meneceu* e no seu *Testamento*.<sup>10</sup> Quase todas essas obras – salvo as *Sentenças* e os poucos fragmentos do *Da Natureza* – foram preservadas por Diógenes Laércio, no *Livro X* de seu livro *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, junto a um grande texto sobre a vida de Epicuro.<sup>11</sup> A relevância filosófica dessa biografia é notável, justamente pela possibilidade de nos apropriarmos filosoficamente das informações nela contidas – algo já praticado por muitos comentadores e estudiosos epicuristas, a começar pelo próprio Laércio.<sup>12</sup>

Pode-se notar, entretanto, que a figura de Laércio é quase sempre incompreendida dentro da Filosofia, por não ser nem um filósofo nem um historiador. Ele foi um doxógrafo, alguém que se deteve, literalmente, às opiniões dos filósofos, e as registrou. O mais importante é que, mesmo lendo a sua obra enquanto literatura, nós podemos encontrar máximas filosóficas nos sentidos ontológico e ético. Isso acontece porque os eventos contados por Laércio, tendo

<sup>8</sup> Pessanha, 1992, p. 16-18.

<sup>9</sup> Presentes, respectivamente, em: DL, X, 139-154 (Epicuro, 2021b, p. 127-132); Epicuro, 2021a; Epicuro, 2021b, p. 133. As últimas duas obras foram redescobertas na *Biblioteca de Herculano* e é possível conferir uma sequência detalhada sobre eles na obra *O corpus epicurista* de Dorandi (2011, p. 43).

<sup>10</sup> Presentes, respectivamente, em: DL, X, 35-83, 84-116 e 122-135 (Epicuro, 2021b, p. 93-109, 113-124 e 85-90); DL, X, 16-21 (Epicuro, 2019, p. 466-470).

<sup>11</sup> DL, X, 1-16, 22-34, 117-121 e 136-138 (Epicuro, 2019, p. 466-470, 472-477, 495-496 e 500-501).

<sup>12</sup> Inaugura-se uma tradição de leitura que reconhece a relevância dos dados biográficos de Epicuro para a compreensão do epicurismo: de Festugière (1956), Brun (1959) e Farrington (1968), até Pessanha (1992), Clay (2011), Hadot (2016), Giovacchini (2019), Wolff (2021) e Reis (2021). Sobre o tema do estudo biográfico em meio ao estudo filosófico, cf. Goldschmidt, 1963, p. 143 e Silva; Murachco, 2021, p. 22.

acontecido ou não, expressam o modelo de pensamento epicurista, narrando um modo de vida e uma ontologia subjacente a ele.

A biografia quando colocada ao lado da dimensão ética do epicurismo, serve como um guia ilustrativo para determinados conceitos-chave desse modo de vida, revelando a existência de uma espécie de “retórica da performance” entre os epicuristas, praticada sobretudo na escola<sup>13</sup> e comunidade (*koinonía*) do Jardim (*Képos*). E se é correto afirmar que a filosofia é mesmo um modo de vida, um “exercício” (*áskesis*) e que, nesse caso, esse exercício está diretamente ligado às atividades do Jardim, é também possível subverter a apreensão tradicional do epicurismo, que se dá através da “fisiologia”<sup>14</sup> e da ética, e alcançá-lo pela sua dimensão comunitária, cuja coroação é a própria vida em comunidade.

A ideia da “filosofia como um *exercício*” é uma tese sustentada por Hadot nas obras *Exercícios espirituais e filosofia antiga* e *A Filosofia como Maneira de Viver*.<sup>15</sup> O termo é um marco para a filosofia helenística a começar pela acepção dada por Diógenes, o cão, grande precursor do cinismo, pois é nele que encontramos a primeira ocorrência do termo *áskesis* num sentido antropológico, atribuindo à filosofia um sentido prático, que demandaria uma série de exercícios por parte de seus adeptos. Laércio afirma:

Diógenes dizia que há dois tipos de exercícios: o espiritual e o físico. Na prática constante do exercício físico formam-se percepções que tornam mais expedita a prática da excelência. O exercício físico e o espiritual se integram e se completam. As condições físicas satisfatórias e o vigor são elementos fundamentais para a saúde da alma e do corpo. Aduzia provas para demonstrar que o exercício físico contribui para a conquista da excelência. Observava que tanto os artesãos humildes como os grandes artistas adquiriam habilidade notável graças ao exercício constante de sua arte, e que os flautistas e os atletas deviam sua superioridade a uma dedicação assídua e fatigante. E se estes transferissem seus esforços para o aprimoramento da alma, tais esforços não seriam inúteis nem destituídos de objetivo. Com efeito, nada na vida se pode obter sem exercício, e este é capaz de sobrepor-se a tudo. Eliminados então os esforços inúteis, o homem que escolhe os esforços requeridos pela natureza vive feliz.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> Tal como Hadot (1999, p. 18) explica, a “escola filosófica corresponde [...] a uma maneira de viver, a uma escolha de vida, a uma opção existencial, que exige do indivíduo uma mudança total de vida, uma conversão de todo o ser, e, finalmente, a um desejo de ser e de viver de certa maneira”.

<sup>14</sup> A tradição compreende a filosofia de Epicuro dividida em três disciplinas: a Canônica, a Ética e a Física (DL, X, 29-30; Epicuro, 2019, p. 476). Diante disso, um dos precursores do estudo epicurista no Brasil, Spinelli, propôs uma alternativa de interpretação que coloca a Canônica como superior à Ética e à Física (cf. Spinelli, 2013). Entretanto, Silva (2003; 2018, p. 18,) defende que para abordar a Ética em Epicuro é preciso abordar a sua Física: ambas estão didaticamente distinguidas pelo próprio Epicuro, mas, na prática, elas são inseparáveis, pois para se alcançar uma vida feliz é preciso estar em acordo com a sua própria natureza, o que, em outras palavras, significa conhecê-la, investigar os seus padrões e adaptar-se a ela a fim de dirigir a vida prática. É nesse sentido que Silva entende que o pensamento de Epicuro está disposto em dois domínios, o da *Physiología* (a qual pertence a *Gnoseologia*) e o da Ética.

<sup>15</sup> Cf. Hadot, 2014; 2016.

<sup>16</sup> DL, VI, 70-71.

É como se Diógenes, o cão, afirmasse que, ao fazer exercícios físicos em prol da vida boa, nós também estaríamos fazendo filosofia. Através dos exercícios nós podemos “construir” um corpo acostumado aos infortúnios da natureza, um corpo resistente e mais “corajoso” diante das vicissitudes do mundo.

O termo utilizado por Epicuro, entretanto, não é *áskesis*; apesar de raro, ele usa do termo *enérgeia*, atividade, força de ação:<sup>17</sup> “a filosofia é uma atividade que, mediante argumentos e raciocínios, nos propicia a vida feliz”.<sup>18</sup> O que se entende por atividade, modo ou exercício de vida em Epicuro, começa pelo fato de que a sua empresa estava em identificar, arranjar e reunir os elementos necessários à realização de uma vida feliz (*makários zén*) e prazerosa, de ausência de perturbações na mente (*ataraxía*) e de dores no corpo (*aponía*). Ele começou disseminando as ideias e práticas que, em sua opinião, poderiam garantir isso; e, mais adiante, elas se refletiram em uma preocupação com o dia a dia dos discípulos de sua comunidade e sua consequente articulação. Isso mostra que a vida prática não era um elemento anódino, banal ou alheio a filosofia; ao contrário, os hábitos daqueles que buscavam pelo epicurismo deveriam espelhar a ética proposta pela doutrina. Assim, o estudo, as necessidades e atividades básicas, o prazer e a vida feliz se fundiam, a exemplo da SV 33 de Epicuro, na qual afirma que: “A voz da carne é não ter fome, não ter sede e não ter frio; pois quem tem essas coisas e espera haver de tê-las, lutaria pela felicidade até com Zeus”.<sup>19</sup>

## 2 O Jardim

Para entendermos sob quais condições e por quais razões a fundação da comunidade do Jardim tornou-se necessária, analisaremos a dimensão comunitária da filosofia epicurista a partir de dois grandes momentos: da (1) *sociabilidade filosófica* e da (2) *comunidade filosófica*. O primeiro acontece antes do Jardim, e é marcado pelas visitas que Epicuro realizou às cidades de seus amigos e pelo início da troca de correspondências entre eles. O segundo momento marca a consolidação da relação amistosa cultivada até então, através da compra coletiva do Jardim, um horto às margens de Atenas,<sup>20</sup> que serviu como uma escola e uma casa por pelo menos 262 anos, de sua fundação – em 306 até 44 a. C. Estima-se que depois da morte de Epicuro, pelo menos quatorze escolarcas o sucederam no ensino, cultivo e direção do Jardim.<sup>21</sup>

<sup>17</sup> Cf. Silva, 2018, p. 81.

<sup>18</sup> Sexto Empírico, 2012, p. 693, trad. minha; Usener, 2010, frag. 219, p. 169.

<sup>19</sup> Epicuro, 2021a, p. 90 e 91.

<sup>20</sup> Cf. Long; Sedley, 1987, p. 3-5.

<sup>21</sup> Cf. Brun, 1959, p. 30 e 34. Sobre a continuação da comunidade epicurista, afirma Roskam (2007, p. 153): “Depois, e certamente a partir do século III, ela entrou gradualmente em declínio. Aqui e ali, as comunidades

Com relação à (1) sociabilidade filosófica, entende-se um grupo que se associa e se reúne em torno de uma conveniência mútua (*ophéleia*), um mesmo sentido de vida feliz e de um modo de vida que garanta o seu alcance. Tal aproximação e a sua resultante sociabilidade, ressalta que o exercício da filosofia é um ato coletivo, tornando possível inferir que “a amizade funda uma comunidade livre, a sociedade de amigos, que é a base da escola do Jardim”.<sup>22</sup>

O momento que compreende o que entendemos por sociabilidade filosófica, uma associação que se iniciou pelas visitas de Epicuro às cidades de seus amigos, ressalta que viajar foi uma atividade constante em sua vida: com 18 anos, Epicuro já tinha passado por três grandes cidades gregas: Atenas, Samos e Cólofon. Nessa última, ele conquistou seus primeiros discípulos e, em outras duas viagens, a Mitilene e a Lâmpsaco, tentou fundar escolas filosóficas, mas não teve êxito.<sup>23</sup> Na verdade, as cidades da costa da Jônia em geral preservavam uma extensa tradição cultural filosófica, então, a presença de escolas era comum.<sup>24</sup>

Observa-se, pois, que não eram os discípulos que iam até Epicuro: enquanto não fundava o Jardim, era ele quem ia até os seus amigos apresentar o seu sistema. O epicurismo, enquanto uma doutrina que não era direcionada somente aos cidadãos atenienses, alcançou muito rapidamente outras cidades gregas. Dos discípulos vindos de Lâmpsaco, destacamos Metrodoro, o amigo mais ilustre de Epicuro, e sua concubina Leôncio. Também Leonteu e sua mulher Temista; além de Idomeneu, que divulgava as doutrinas esotéricas do mestre e a quem ele escreveu antes de morrer. E de Mitilene destacamos Hermarco, sucessor do Jardim, a quem foi legado todas as suas dependências e livros. Havia, ainda, discípulos de Alexandria, de Sídon, de Tarsos, da Estratoniceia e da costa ocidental da Ásia Menor<sup>25</sup> – a maioria saiu de suas cidades para viver com Epicuro em Atenas.

---

locais presumivelmente continuaram a existir por algum tempo, assim como o Jardim em Atenas. Segundo Laércio (DL, X, 10 e 9), a sucessão dos escolarcas epicuristas permaneceu ininterrupta e a escola continuou para sempre. Mas quase nada se sabe sobre sua história nesse período, provavelmente porque quase não havia nada digno de menção. Os epicuristas simplesmente continuaram a desfrutar silenciosamente os prazeres de sua ‘vida despercebida’ e não estavam interessados em realizar grandes performances que pudessem atrair a atenção de doxógrafos ou historiadores. Como resultado, enquanto os primeiros elos da cadeia são relativamente bem conhecidos, seu fim se perde nas brumas da história” (trad. minha).

<sup>22</sup> Gual, 2002, p. 220, trad. minha.

<sup>23</sup> Cf. DL, X, 15 (Epicuro, 2019, p. 470). Sobre essas tentativas, explica Gual (2002, p. 37): “[...] mudou-se para Mitilene, na não tão distante ilha de Lesbos, igualmente famosa por seu prestígio cultural, onde talvez tenha aberto sua primeira escola de filosofia. Aparentemente, seu ensino lá encontrou hostilidade de outros rivais e despertou sérias dúvidas, então ele teve que deixar a cidade. Ele agora foi para Lampsacus, perto dos Dardanelos, onde filosofou entre um círculo de amigos e discípulos de 310 a 306” (trad. minha). Cf. também Clay, 2011, p. 13.

<sup>24</sup> Aristóteles também fundou uma escola em Mitilene e, em Teos, próximo a Cólofon, estava a escola atomista de Nausífanos (cf. Gual, 2002, p. 37). Sobre esse ponto em comum entre Epicuro e Aristóteles, comenta Vara (2012, p. 10): “Ambos, então, Epicuro e Aristóteles iniciaram suas atividades acadêmicas em Mitilene, um humilde ponto de partida que os levaria com o tempo estabelecer uma cátedra, após um longo período, na erudita e universal Atenas” (trad. minha).

<sup>25</sup> Acerca do florescimento do epicurismo na Ásia Menor, na Síria, no Egito, na Itália etc, cf. Giesecke, 2007, p. 93.

No que diz respeito à troca de cartas, que também serviu ao cultivo da amizade e à propagação do epicurismo, vale ressaltar que o seu conteúdo doutrinal era destinado a alguém,<sup>26</sup> porque o objetivo era obter desse alguém um tipo tal de comportamento. As *Cartas* que chegaram até nós contém, nas palavras de Reis, “técnicas que prescrevem certo modo de viver”;<sup>27</sup> e, acrescenta Wolff, contém “práticas discursivas [...] para ser[em] retomadas, aprendidas e refletidas, por causa do efeito benéfico e transformador que elas têm. [...] O que esse texto diz fazer é o que todos visam fazer”.<sup>28</sup> E o estilo epistolar, vale notar, foi adotado propositalmente por Epicuro. Diógenes diz que o filósofo era polígrafo, com mais de trezentas obras extensas e sem citações;<sup>29</sup> e Aristófanes fala de um estilo de escrita individualíssima.<sup>30</sup> O epistolário funcionou como um recurso secundário a essas obras, um resumo, simples e acessível, para contemplar os não versados na doutrina, os mais perturbados/necessitados e os que precisavam rememorá-la.

A ordenação dos fragmentos de cartas e das cartas escritas por Epicuro pode ocorrer tomando como critério o seu tipo de destinatário, como propôs Arrighetti,<sup>31</sup> condensando-as em três tipos: *doutrinárias*, *corais* e sem destinatários. As cartas doutrinárias eram destinadas a um epicurista pertencente ao grupo dos membros mais avançados na doutrina (*kategemónis*) e, em razão disso, eram compostas por uma linguagem científica, técnica e rigorosa. Essas epístolas eram “expressões de um sistema firmemente articulado”,<sup>32</sup> escritas de modo seco, com demasiada precisão conceitual e de um estilo esotérico, pesado e preciso.<sup>33</sup> Pelo conteúdo ser da ordem e, portanto, da compreensão quase exclusiva dos discípulos mais íntimos e assíduos, as missivas eram responsáveis por divulgar o pensamento epicurista entre eles. Um segundo tipo, as cartas *ordinárias* ou corais, eram dirigidas a um grupo, em geral às comunidades de amigos epicuristas ou aos círculos filosóficos do próprio Jardim, servindo excepcionalmente às práticas de leituras conjuntas que estreitavam os laços e a convivência entre os sábios. Em suma,

<sup>26</sup> “A carta é um gênero filosófico importante na Antiguidade: só raramente se trata de uma correspondência privada, uma vez que ela está destinada a circular, a ser lida e publicada por outros; mas o endereçamento a alguém próximo, amigo, discípulo, mentor, permite inscrever a relação filosófica em um horizonte de amizade, a *philia*, que desempenha um papel considerável no pensamento antigo” (Giovacchini, 2021, p. 41).

<sup>27</sup> Reis, 2021, p. 142.

<sup>28</sup> Wolff, 2021, p. 248.

<sup>29</sup> Cf. DL, X, 26-28 (Epicuro, 2019, p. 474-475). Sobre a sua extensa produção, afirma Greenblatt (2012, p. 58): “Epicuro foi extraordinariamente prolífico. Ele e seu principal oponente filosófico, o estoico Crisipo, escreveram, dizia-se, mais de mil livros. Mesmo se essa cifra for um exagero, ou se contar como livros o que consideraríamos ensaios ou cartas, o registro escrito era claramente imenso. Esse registro não mais existe” (trad. minha).

<sup>30</sup> Cf. DL, X, 13 (Epicuro, 2019, p. 469-470). Clay (1983, p. 17 e 57), também ressaltou essas características ao analisar o texto epicurista, destacando-o pelo “vocabulário técnico incompreensível”, pelo “neologismos e pelo uso de palavras novas, o que dificultava a aceitação de um público mais novo”.

<sup>31</sup> Cf. Arrighetti, 1960.

<sup>32</sup> Cf. Farrington 1968, p. 20.

<sup>33</sup> Cf. Gual, 2002, p. 91-92.

essas epístolas eram destinadas a um público mais abrangente do que o primeiro tipo de carta: há, por exemplo, vestígios de cartas “para os amigos do Egito”, “para os amigos na Ásia” e “aos filósofos de Mitilene”. E, por último, existiam as cartas que não possuíam um destinatário e que podiam ou não ter um caráter amplo. Um exemplo desse tipo de carta, também preservada por Laércio, é o *Testamento* de Epicuro, vasto, ele se refere a diferentes epicuristas e a diversos pontos do Jardim. Mas independente de qual seja o tipo, a produção desses epítomes favoreceu a absorção dos destinatários, trazendo sofisticação à doutrina. Não à toa, os epicuristas mais velhos, especialmente os que fundaram comunidades em outras cidades,<sup>34</sup> mantiveram a troca de cartas ao longo de anos, fazendo com que esse modelo de comunicação se tornasse uma tradição.

Assim, era pelas visitas e correspondências que os epicuristas afinavam as suas concepções antes mesmo da convivência entre eles acontecer num espaço físico como o do Jardim. Nesse sentido, a *comunidade* surge como um aprofundamento da *sociabilidade*, garantindo a continuidade dessa segunda a partir de um tipo de reunião mais consolidada, porque “material”, que colocou os epicuristas vivendo no mesmo lugar e praticando lado a lado as instruções da doutrina.

Uma das instruções básicas que reafirma a necessidade da fundação de uma comunidade para os epicuristas estudarem e morarem está na máxima do *lâthe biósas*, do “vive despercebido”.<sup>35</sup> Sua definição, entretanto, depende da análise que Epicuro realizou acerca dos

<sup>34</sup> Os epicuristas que não se mudaram para a comunidade de Atenas, fundaram suas próprias comunidades em suas respectivas cidades, coexistindo para com o Jardim e se relacionando com ele e os seus moradores através da constante troca de correspondências e das possíveis visitas. As especificidades da sociabilidade epicurista, assim, se mantiveram mesmo depois dela se consolidar com o surgimento da comunidade do Jardim (cf. Giovacchini, 2019, p. 28).

<sup>35</sup> Λάθε Βιώσας (Usener, frag. 551, 2010). Essa máxima possui uma construção idiomática tipicamente grega: o verbo *lantháno* – no imperativo aoristo (*lâthe*) da segunda pessoa do singular (tu) – seguido de um participio (*biósas*) que, nesse caso, pode ser traduzido como um advérbio de sentido equivalente ao verbo *lâthe*, seguindo o mesmo tempo, modo e voz. Uma das primeiras acepções do verbo alude ao “estar oculto” (voz ativa) ou ao “ser ignorado por alguém, em uma dada situação” (voz passiva) (Λανθάνω, 2022). Entre os intérpretes de Epicuro, porém, há pelo menos dois sentidos atribuídos ao verbo a partir de diferentes formas de tradução. O primeiro sentido coaduna com a ideia do Jardim como um espaço de *retiro*, uma alternativa à cidade, na medida em que recusa e renuncia o contexto político vigente e as suas consequências cidadinas. Nesse caso, retirar-se da cidade não necessariamente faz com que o Jardim “suma”, deixando de existir em consonância a ela; ele simplesmente não está no seu seio. Cabe ressaltar algumas traduções correspondentes a esse grupo: “de occulte [oculta] vivendo” (Arrighetti, 1960, p. 490), “pasa despercebido [despercebido] mientras vive” e “vive ocultamente” (Gual, 2002, p. 65 e 253), e “live unnoticed [despercebido]” (Roskam, 2007). O segundo sentido, cujo um grupo de traduções parece incorporar, atribui ao Jardim um *status* de *esconderijo*, entendendo-o em oposição à cidade sob um ato de rivalidade para com ela, que consistiria numa fuga e num isolamento. A título de exemplo, citamos algumas traduções pertencentes a esse grupo: “vive isolado” (Reis, 2021, p. 40), “vive obscuro” (Silva, 2018, p. 113), “vivi nascosto [escondido]” (Arrighetti, 1960, p. 326) e “vivre caché [escondido]” (Brun, 1961, p. 159). A nossa opção por traduzir o *Lâthe Biósas* por “vive despercebido” ou “despercebidamente” está em linha com o primeiro grupo discriminado, porque ao estudar as condições de existência do Jardim e compará-las às máximas epicuristas, é possível constatar que essa comunidade não foi um *esconderijo*, sobretudo porque ela mesma não se esconde e seus membros não temem diante da possibilidade de serem vistos; ao contrário, o caminho para o Jardim é

desejos cultivados pelos homens de um modo geral, concluindo que existiam pelo menos três tipos deles:

Dos desejos, alguns são naturais ou [naturais e] não necessários, outros nem naturais tampouco necessários, mas produzidos por opiniões vazias. [*Escólio: Naturais e necessários, Epicuro considera os que livram de sofrimento, como a bebida para a sede; naturais e não necessários, por sua vez, os que apenas fazem variar o prazer sem afastar o padecimento, como alimentos caros; nem naturais tampouco necessários, como aqueles por coroas e consagração por estátuas com forma humana*].<sup>36</sup>

O último tipo de desejo foi identificado como próprio dos homens que viviam na cidade, de modo que, a partir dele, podemos entender quais ideais vigoravam nela. A cidade era um espaço cujo cultivo de opiniões equivocadas, que em sua grande maioria estavam baseadas em superstições acerca dos deuses e da morte, dava origem a desejos não naturais e não necessários, que condicionavam os seus viventes às perturbações, insatisfações e temores. Dada a incompatibilidade desse modelo para com o sistema proposto por Epicuro, a doutrina epicurista defende que, para não reagir aos problemas citadinos, seria preciso evitá-los, liberando a si mesmo das atividades públicas que podiam ser abdicadas. “Viver longe das multidões”, despercebido, tornou-se uma das máximas do comportamento (*éthos*) epicurista. Assim assente a SV 76: “És de uma qualidade envelhecendo tal como eu o aconselho e tu tomaste conhecimento de que coisa é filosofar para si mesmo e o que é filosofar para a Hélade: eu me regozijo contigo”.<sup>37</sup>

A comunidade, entretanto, não cortou completamente o contato com a cidade. Se o Jardim, mesmo que apartado, pertencia a Atenas, algumas atividades públicas necessárias à existência mínima *da* e *na* cidade faziam parte da competência do sábio. Certamente, Epicuro precisou de produtos comercializados na *pólis* para garantir a construção das dependências do Jardim, bem como os seus primeiros alimentos e bebidas; além de ser perfeitamente concebível que, no caso de uma guerra, os epicuristas se fizessem presentes na cidade, em prol da luta pelo seu território comum e, depois, retornassem ao Jardim.<sup>38</sup>

---

conhecido e propagado à maneira epicurista, ele “[...] não está num lugar deserto e desabitado” (Roskam, 2007, p. 50, trad. minha). Na verdade, a prática de fundar escolas filosóficas extramuros não foi um feito exclusivamente epicurista; talvez o ineditismo esteja mais nos motivos que levaram Epicuro a fazer isso – o de “retirar-se da política” (Roskam, 2007, p. 66, trad. minha) – do que na própria localização geográfica do Jardim. Em Long e Sedley (1987, p. 3-5), por exemplo, há um mapa das escolas atenienses que sugere que a Academia de Platão estava localizada para além do Jardim de Epicuro e, portanto, mais distante ainda da cidade.

<sup>36</sup> DL, X, 149; Epicuro, 2021, p. 130.

<sup>37</sup> Epicuro, 2021a, p. 177.

<sup>38</sup> Há duas considerações primordiais feitas por Roskam (2007, p. 50 e 68) acerca da relação do epicurista para com as leis da cidade: “O Jardim não está situado em algum lugar no deserto, desabitado, como sugere Plutarco, polêmico como sempre, mas nos arredores da cidade, e as leis e instituições da cidade podem ser importantes para

A *comunidade filosófica* surge, assim, como um aprofundamento da *sociabilidade filosófica* existente entre os epicuristas, mas também como resposta a uma necessidade circunstancial: viver afastado da cidade. Foi em 306 a. C.,<sup>39</sup> com a ajuda financeira dos amigos de Lâmpsaco e de familiares, que Epicuro comprou o Jardim, a primeira das centenas de comunidades que existiriam nos séculos seguintes.<sup>40</sup> Um espaço onde os amigos que se relacionavam através de visitas e cartas, poderiam morar, estudar filosofia e praticar a doutrina juntos e efetivamente.

Para compreendemos como as atividades jardíneas que se davam em vista do (1) ensino, da (2) autossuficiência e das (3) celebrações, estavam a serviço da *pragmateia* epicurista, precisamos retroceder ao conceito de “justiça”. Ela é compreendida não em si mesma, mas a partir da máxima de que a justiça está no “pacto”<sup>41</sup> de “[...] certo acordo para não prejudicar ou ser prejudicado”,<sup>42</sup> símbolo e garantia da utilidade que há em não cometer injustiças. Há, na verdade, uma espécie de dualidade inerente a justiça epicurea: ela é natural, uma vez que está conforme àquilo que é útil e necessário a todas as comunidades humanas; mas também é variável, uma vez que sua aplicabilidade se dá segundo as condições específicas de cada comunidade, como a região, a cultura, a tradição... – elementos que dizem respeito às situações particulares de cada espaço e suas respectivas configurações. É somente a partir dessa premissa, de que a justiça é natural e variável, que o “justo” pode ser projeto e concretizado no campo da realidade. Assim, saltamos do princípio teórico em direção à sua efetivação na realidade prática e suas diferentes formas. No caso do epicurismo, essa forma envolve noções específicas, como a de *comunidade*, originária de uma *sociabilidade* e respaldada na máxima do *lâthe biôsas*, próprias de sua *pragmateia*.

---

o filósofo epicurista, que pode, por exemplo, servir como jurado. [...] a preferência de Epicuro por uma ‘vida despercebida’ não exclui todo interesse pela vida política” e “Na prática concreta, a maioria dos epicuristas da primeira geração provavelmente tentou aplicar o conselho de seus mais velhos. Os quatro pais da doutrina [Epicuro, Metrodoro, Hermarco e Polieno, cf. Longo, Auricchio, 1978, p. 23-24 e 26-30] com certeza se abstiveram de assumir cargos políticos e pelo menos alguns de seus seguidores fizeram o mesmo. Um certo epicurista, por exemplo, é elogiado por Filodemo por ter preferido uma vida tranquila e por não ter exercido nenhum cargo durante os sessenta e três anos de sua vida. [...] Por outro lado, vários epicuristas ocuparam posições políticas influentes. Idomeneu, por exemplo, tinha como ministro assuntos importantes em mãos, mas foi chamado de volta por Epicuro e provavelmente seguiu o conselho desse último. Mithres também serviu como ministro e também abandonou a política, embora forçado pelas circunstâncias. Fica claro, então, que em uma perspectiva política, a máxima *lâthe biôsas* não era condição de admissão ao Jardim, nem uma lei dos Medos e Persas para cada um dos membros, embora sem dúvida continuasse a ser a alternativa preferível para a maioria deles” (trad. minha). Para mais esclarecimentos sobre esse assunto, cf. Pessanha, 1992, p. 57-85; Silva, 2010, p. 163-174.

<sup>39</sup> DL, X, 15; Epicuro, 2019, p. 470.

<sup>40</sup> Sobre o florescimento do epicurismo na Ásia Menor, na Síria, no Egito, na Itália etc, cf. Dorandi, 2011, p. 48; Giesecke, 2007, p. 93.

<sup>41</sup> *Foedera pacis*, “pactos de paz”, segundo Lucrécio no Livro V do *De rerum natura* (Caro, 2022, p. 303).

<sup>42</sup> MP XXXIII (DL, X, 150; Epicuro, 2021b, p. 131); cf. MP XXXI (DL, X, 150; Epicuro, 2021b, p. 131).

## 2.1 O ensino

As atividades de ensino revelam como os discípulos interagiam entre si conforme uma relação de senioridade, sob uma “paisagem intelectual”<sup>43</sup> muito específica, a começar pelo fato de que Epicuro parece não ter vivido no Jardim. Em seu *Testamento* há a informação de que ele possuía um tipo de “Casa Editorial”,<sup>44</sup> no demo de Melita, de onde saíam a maior parte de suas cartas e obras. A casa foi deixada para Hermarco, acompanhada da sugestão de que ele morasse lá junto aos seus companheiros mais próximos – algo que Epicuro provavelmente já fazia. É possível que enquanto na casa de Melita habitavam Epicuro e os seus amigos-discípulos mais próximos, no Jardim viviam os neófitos.

Entre todos os viventes do Jardim havia uma hierarquia cuja medida era o tempo de experiência na doutrina: além de Epicuro, que era o exemplo de sábio, também eram considerados sábios os discípulos que conviviam diretamente com ele, emulando-o. Esses eram os responsáveis por transmitir o epicurismo aos mais novos, através de leituras e meditações coletivas nas quais ensinavam e disseminavam o sistema epicurista. Tratava-se de um momento de auxílio entre amigos, em vista da compreensão da doutrina; uma oportunidade dos neófitos observarem o modo como os mais velhos se apropriaram da dimensão ética, incorporando-a em sua vida prática.

Além das leituras em conjunto, os epicuristas do Jardim também realizavam exercícios de decoração dos tratados, e possíveis debates filosóficos. Todas as atividades eram realizadas oralmente,<sup>45</sup> e o conteúdo sempre se iniciava pelo mais básico, avançando gradualmente. Salvo no caso das reuniões restritas aos discípulos mais velhos, que foram registradas por Timócrates, e aconteciam na casa de Melita, provavelmente para tratar de pontos mais densos e comuns aos já avançados.

O modo pelo qual a doutrina epicurista era difundida dentro do Jardim ressalta a “memória” (*mnéme*) como parte central do fazer filosófico, não à toa, há exortações a ela em todas as *Cartas* que nos restaram,<sup>46</sup> indicando que uma filosofia composta por assertivas básicas, uma vez aceitas, deve ser constantemente meditada e memorizada, de modo que a sua rememoração seja capaz de produzir efeitos objetivos e práticos – nesse caso, o alcance da imperturbabilidade da alma (*ataraxía*) e da ausência de dores no corpo (*aponía*). Essa é uma

<sup>43</sup> Cf. Giovacchini, 2019, p. 25.

<sup>44</sup> Termo utilizado por Clay (2011, p. 24), DeWitt (1954) e Pessanha (1992, p. 4). Chamada de “casa em Melite” por Epicuro, em seu *Testamento* (DL, X, 17; Epicuro, 2019, p. 471).

<sup>45</sup> Sobre o que podemos chamar de uma “tradição de ensino oral” epicurista, afirma Giovacchini (2021, p. 3): “O modo de transmissão do saber permanece, de fato, prioritariamente oral, e os cursos que promovem a reunião dos adeptos situam-se em recintos agradáveis, em que é possível passar longas horas a estudar e discutir”.

<sup>46</sup> Cf. Silva, 2018, p. 89.

característica do discurso epicurista como um todo: ele pretende incitar um tipo de comportamento por parte de seus destinatários, por isso, é conativo e imperativo. Através das atividades de ensino, um exercício feito entre amigos, os elementos básicos da doutrina eram apreendidos, de modo que suas crenças antes errôneas e vazias fossem substituídas pelo estudo da natureza e, mais propriamente, pela *pragmateia*, pelo sistema epicurista.

Além disso, é possível identificar ao menos quatro grupos de discípulos entre os epicuristas. O primeiro, os familiares de Epicuro, mais precisamente os seus três irmãos, Néocles, Queredemo e Aristóbolo;<sup>47</sup> e, o segundo, um grupo de servos,<sup>48</sup> com quatro homens, Mis, Nícias, Lícon e Nicanor, e uma mulher, Fedrio.<sup>49</sup> Mis foi o mais destacado por Laércio, por ter vivido diretamente com o mestre, sendo um de seus mais íntimos companheiros de estudo. O doxógrafo reconhece certa “gentiliza” por parte de Epicuro, sobretudo, pelo fato de que os servos que viviam no Jardim também ocupavam o lugar de discípulos da doutrina. Também há uma epígrafe com a instrução de que o sábio não “punirá os servos, terá antes misericórdia e perdoará quem tiver bom carácter”,<sup>50</sup> que está em linha com o *Testamento* de Epicuro, cuja liberdade é concedida a todos os seus servos, exceto a Nicanor, a quem é solicitado um tratamento especial.<sup>51</sup>

O terceiro grupo compete a algumas mulheres: cortesãs (*hetairan*) e concubinas (*pallakén*), letradas ou não, quase todas vindas de Lâmpsaco; e uma esposa (*ginaika*). Por *hetaira* entende-se a mulher “que acompanhava e fazia companhia aos homens, bebendo e comendo com eles”,<sup>52</sup> em suma, mulheres que eram requisitadas pelos homens para acompanhá-los em sua vida exterior, como em banquetes, servindo-os. Esses serviços estavam relacionados ao fato da *hetaira* ter um nível social elevado, uma vez que tinham contato com os políticos, filósofos, artistas e intelectuais de Atenas; em geral, dominavam a arte da música, das danças e da leitura de poesias. Por *concubina* entende-se “uma mulher que vivia com um homem sem ser sua esposa”,<sup>53</sup> situada entre a figura da *hetaira* e da esposa. A concubina podia gerar filhos que seriam reconhecidos, mas nunca legitimados e, portanto, sempre vedados do *oikos* e dos bens. Diferente da esposa, a concubina não é uma cidadã ateniense; e diferente da cortesã, a relação da concubina e do homem se dá quase sempre dentro de uma casa. E às

<sup>47</sup> DL, X, 3; Epicuro, 2019, p. 466; cf. Clay, 2011, p. 15; Brun, 1959, p. 27.

<sup>48</sup> Há o uso de pelo menos dois termos para se referir aos servos: *doûlos* (DL, X, 3; Epicuro, 2019, p. 470) e *oikétas* (DL, X, 118; Epicuro, 2019, p. 496).

<sup>49</sup> Cf. DL, X, 20; Epicuro, 2019, p. 472.

<sup>50</sup> DL, X, 117; Epicuro, 2019, p. 496.

<sup>51</sup> DL, X, 20-21; Epicuro, 2019, p. 472.

<sup>52</sup> Curado, 2013, p. 21; cf. Bailly, 1963, p. 367.

<sup>53</sup> Curado, 2013, p. 18.

esposas, por fim, cabem à geração e o cuidado dos filhos, assim como a guarda e a vigilância do lar. Apesar do modo de vida recluso e silencioso, a esposa pode ser entendida como a maior representante da família.<sup>54</sup>

Dentre tais mulheres, destacamos a *hetaíra* e concubina de Metrodoro, Leôncio, e a esposa de Leonteu, Temista, com as quais Epicuro parece ter nutrido interesses amorosos;<sup>55</sup> e as cortesãs Mamarion, Hedeia, Erótion e Nicídion,<sup>56</sup> cujos nomes ressaltam “sua aplicação profissional”,<sup>57</sup> aludindo, respectivamente, ao “peito de mãe”, ao “prazer”, ao “amor”, e à “pequena vitória”. E o quarto grupo de discípulos compete a algumas crianças: um casal de filhos de Metrodoro, cujo menino se chamava Epicuro e a menina, provavelmente, Dânae; e o filho de Polieno.<sup>58</sup>

Vale ressaltar que o grupo de mulheres e servos não desfrutavam de uma total liberdade somente por estarem distantes da cidade, “salvaguardados” no Jardim, na condição de discípulos e estudantes da doutrina. Essa, na verdade, é uma característica que se soma a outras condições quase irrevogáveis, pois os servos continuavam a prestar serviços sob a possibilidade de um dia serem libertos ou não; e as mulheres continuavam nas posições sociais e, conseqüentemente, morais, de cortesãs, concubinas e esposas. Além disso, a presença do matrimônio por parte de epicuristas avançados, mais o fato de terem filhos, entra em contradição com uma série de condutas ditas como próprias do sábio: que não se entregará ao relacionamento sexual, pois ele “nunca foi benéfico”,<sup>59</sup> e que não casará e não terá filhos. Tais posições se sustentaram principalmente pelo fato de que, um dos principais prejuízos que uma paixão poderia causar, estava na possibilidade de colocar as relações amistosas em segundo plano. Isso nos leva a entender, ainda, que a ideia clássica grega, de que com a esposa não se constituía uma relação de amizade, ainda era mantida. A despeito disso, mesmo que os dados biográficos mostrem o contrário daquilo que está descrito no conjunto de condutas da doutrina, podemos superar a presença de uma contradição performática, se entendermos que essas assertivas podiam estar mais direcionadas a um grupo de condutas imediatas, que se referiam

<sup>54</sup> Cf. Curado, 2013, p. 15.

<sup>55</sup> Cf. DL, X, 5-6 (Epicuro, 2019, p. 467).

<sup>56</sup> Nussbaum (2013, p. 129) atenta ao fato de que Nicídion era uma mulher casada com um homem ateniense e que percorreu diversas escolas filosóficas na condição de discípula. Pereira (2019, p. 454-455) também cita nomes como Sande, Dânae e Demétria – mulheres que possivelmente fizeram parte da vida de Epicuro; essa última, como uma das sete discípulas do Jardim. Batis, irmã de Metrodoro e esposa de Idomeneu (cf. DL, X, 22-23; Epicuro, 2019, p. 472), também fez parte da escola epicurista, mas certamente não morou no Jardim, pois há registros de que Epicuro escreveu uma carta a Idomeneu antes de morrer e enviou para Lâmpsaco, cidade na qual Batis e ele nasceram e moraram. Para mais informações, cf. Giovacchini, 2019, p. 38.

<sup>57</sup> Nussbaum, 2013, p. 45.

<sup>58</sup> Cf. DL, X, 16-21 e 24; Epicuro, 2019, p. 471-472 e 473; Dorandi, 2011, p. 48; Guerra, 2000, p. 39-40.

<sup>59</sup> DL, X, 118 (Epicuro, 2019, p. 496).

aos discípulos doentes, no sentido de perturbados, que tinham a necessidade de se apropriar da doutrina o mais rápido possível. Assim, os efeitos benéficos da doutrina se davam mediante a dedicação desse discípulo a um comedimento estrito, que incluía todas as negativas supracitadas; depois, na medida em que alcançasse certa maturidade, preparado para não reagir às vicissitudes do amor, as possibilidades se expandiam ao ponto do sábio poder se envolver em uma paixão ou em um casamento, sem que ambos lhe causassem prejuízos.

## 2.2 A Autossuficiência

Em paralelo às atividades que envolviam a perpetuação do ensino da filosofia epicurista dentro do Jardim, aconteciam também as atividades de autossuficiência. Por atividades de autossuficiência entendemos determinadas práticas rotineiras que, tendo em vista a realização da *autarquia* epicurista, foram os meios pelos quais o sábio aprendeu a habituar-se e acostumar-se com o simples. Sobre esse ponto, afirmou Epicuro a Meneceu:

Cremos ainda que a autossuficiência é um grande bem, não a fim de nos servirmos de pouco em toda e qualquer circunstância, mas de modo a nos contentarmos com pouco se não tivermos muito, genuinamente convencidos de que tiram o maior prazer da opulência aqueles que não carecem dela e de que tudo o que for natural é fácil de obter, embora o vazio seja difícil de conseguir.<sup>60</sup>

Esse trecho parece evidenciar que o sábio, mediante a sua autarquia, deve considerar a autossuficiência, isto é, o contentar-se com aquilo que é simples, natural e fácil de obter, como uma característica base de suas próprias atividades cotidianas. É o que confirma a MP XXI: “Aquele que conhece os limites da vida sabe o quão fácil é obter o que remove a dor causada pela carência e o que a torna completa como um todo. Assim não tem necessidade daquilo que envolve esforço e conflito”.<sup>61</sup> No caso de ambos os trechos, a tradução por “autossuficiência” aparece como uma alternativa de tradução à *autarkeia*.

Isso segue alinhado ao fato de que as atividades que focam em manter a autossuficiência do sábio dentro de sua comunidade, também podem ser entendidas como algo fundamental para a possibilidade de se levar à risca a máxima epicurista “vive despercebido”. Isso porque elas representam a autonomia que o sábio precisou desenvolver perante a cidade, já que à sua doutrina está embutida a condição de viver distante dela. Foi preciso produzir e manejar os elementos fundamentais para suprir os desejos naturais e necessários a cada membro da comunidade, visto que no próprio conjunto dos princípios éticos da doutrina, há uma instrução

<sup>60</sup> DL, X, 132-131 (Epicuro, 2021b, p. 88).

<sup>61</sup> Epicuro, 2021b, p. 129.

básica que diz respeito à realização de uma “economia”,<sup>62</sup> uma certa diminuição das suas próprias exigências para prover, da forma mais simples possível, as suas necessidades básicas. A título de exemplo, foi nesse sentido que Epicuro aconselhou o seu amigo e discípulo, Pítocles: “Quando te angustias com as tuas angústias, te esqueces da natureza: a ti mesmo te impões infinitos desejos e temores. Se queres enriquecer, Pítocles, não lhe acrescentes riquezas: diminui-lhe os desejos. A quem não basta pouco, nada basta”.<sup>63</sup>

Das atividades identificadas como relativas à autossuficiência, há as que prezavam pela realização de uma “alimentação frugal”<sup>64</sup> entre os membros do Jardim, e as que refletem a despreocupação deles no que tange ao sustento financeiro necessário à vida prática. Essas proporcionavam segurança (*aspháleia*)<sup>65</sup> aos epicuristas, pois garantiam a satisfação de seus desejos naturais e necessários. Para Epicuro, o prazer (*hedoné*) que é alcançado pelo equilíbrio entre os estados de *ataraxía* e *aponía*, está justamente na satisfação dos desejos que nos são naturais e necessários, porque uma vez suprimidos, eles eliminam a dor da falta. São como, por exemplo, a supressão da sede com um copo d’água ou da fome com um pedaço de pão. Totalmente de acordo com a nossa natureza, esses desejos são facilmente alcançáveis, evidenciando que o hedonismo epicurista consiste, em grande medida, na garantia de suprir simples e frugalmente as necessidades básicas do ser humano. Afirma Epicuro na SV 33: “A voz da carne é não ter fome, não ter sede e não ter frio; pois quem tem essas coisas e espera haver de tê-las, lutaria pela felicidade até com Zeus”.<sup>66</sup>

Um exemplo disso é que, em favor de um tipo de alimentação frugal, eles cultivavam e produziam a própria comida. Uma preocupação diretamente ligada à fome experimentada pelos atenienses no início do período helenístico, quando o polo comercial da Grécia foi de Atenas para Alexandria, causando uma baixa da frota mercantil.<sup>67</sup> O Jardim era uma espécie de granja, não necessariamente uma fazenda com grandes animais e propriedades, mas um local onde os

<sup>62</sup> De “economia dos desejos”, expressão usada por Silva, cf. 2003; 2018, p. 111.

<sup>63</sup> Epicuro, 1985, p. 58-59; cf. Reis, 2021, p. 149.

<sup>64</sup> Brun, 1959, p. 29.

<sup>65</sup> *Aspháleia*, do campo semântico da *philia* (amizade) ou *tharrêin*, filiado à *philia*. Trata-se de um tipo de segurança, uma vez que há outros e diferentes componentes da filosofia epicurista fornecendo outros e diferentes tipos de segurança: os conhecimentos da física epicurista (a única fonte de segurança permanente), por exemplo, nos assegura em relação à natureza, à morte e aos deuses; as leis sociais e, portanto, a ideia de “justiça” em Epicuro, nos assegura em relação aos outros e às possíveis agressões de sua parte; e a amizade e o pacto que é estabelecido entre os sábios epicuristas, nos assegura em relação às mudanças do destino, isto é, às suas vicissitudes, impedindo que o sábio seja temeroso ao próprio destino (cf. Wolff, 2021, p. 170).

<sup>66</sup> Epicuro, 2021a, p. 90 e 91.

<sup>67</sup> Sobre o contexto político do período helenístico, afirma Gual (2002, p. 23): “A solidariedade entre os membros da comunidade cívica desapareceu, como sugeria a luta de classes em seu aspecto mais primário, o confronto entre ricos e pobres, despossuídos e desempregados, mais indefesos que trabalhadores escravos. Medidas como a adotada em Atenas em 322, em que apenas a riqueza serve para definir quem possui direitos de cidadania, indicam até onde as coisas poderiam ir” (trad. minha).

membros cultivavam a terra, plantavam e viviam daquilo que plantavam. Também, por isso, havia uma distinção explícita entre o que seriam alimentos frugais – aqueles plantados por eles, ou mesmo o pão e a água –, e os suntuosos – os queijos, vinhos e ambrosias. Diante dessa pluralidade, a instrução para o *ethós* epicurista era a seguinte: o sábio deveria prezar por uma alimentação simples, pois, uma vez acostumado com ela, se encontraria mais e melhor preparado para uma possível variação e sofisticação na supressão do seu desejo. Explicou Epicuro a Meneceu:

Os sumos simples trazem tanto prazer quanto os regimes opulentos, quando suprimida qualquer dor proveniente da carência. Pão e água proporcionam o mais alto prazer, toda vez que são levados à boca de quem deles carece. Portanto, habituar-se nas coisas mais simples e regimes não opulentos é também o mais completo à saúde e produz o homem diligente para as tarefas necessárias da vida, dispondo-nos igualmente melhor para a opulência com que deparamos de tempos em tempos, além de nos tornar destemidos diante da sorte.<sup>68</sup>

Pode-se aferir que o epicurista avançado na doutrina podia optar por saciar a sua sede com um vinho, porque, na mesma proporção, poderia também optar por não o tomar. O vinho em si não era o problema, mas o cultivo do desejo ilimitado de obtê-lo, sim, pois “insaciável não é o estômago, como diz a maior parte das pessoas, mas a opinião falsa sobre o ilimitado enchimento do estômago”.<sup>69</sup>

Além disso, o fato de produzirem a própria comida diminuía cada vez mais a necessidade dos epicuristas de irem à cidade de Atenas; e foi algo que parece ter gerado rendas para o Jardim, dada a venda dos excedentes. Daí uma outra atividade em vista da autossuficiência da comunidade: a despreocupação com relação à posse de bens. Diz-se que eram “as receitas provenientes da produção agrícola, assim como de outras propriedades de Epicuro, [que] garantem[/iam] a manutenção da escola”.<sup>70</sup>

Clay afirma que “as rendas que asseguravam a vida austera de Epicuro e de seus amigos eram de múltiplas origens, compreendendo, sem nenhuma dúvida, a fortuna pessoal de sua própria família, as contribuições de Lâmpsaco e das cotizações”.<sup>71</sup> No que tange a essas “cotizações” era possível que alguns membros do Jardim doassem uma quantia específica em prol do funcionamento da escola, cerca de dois *óbulos*.<sup>72</sup> É difícil, entretanto, que essa

<sup>68</sup> DL, X, 132-131; Epicuro, 2021b, p. 88.

<sup>69</sup> Epicuro, 2021a, p. 143.

<sup>70</sup> Giovacchini, 2019, p. 14.

<sup>71</sup> Clay, 2011, p. 16.

<sup>72</sup> Como sugere Chauí (2010, p. 17) ao analisar as escolas helenísticas e afirmar que, no tange ao sustento, “[...] os recursos pecuniários eram pessoais (bens do fundador, doações de discípulos ou de benfeitores) e os membros faziam uma doação diária de dois *óbulos* para prover as necessidades cotidianas”.

possibilidade tenha se tornado uma obrigação entre os epicuristas, já que algumas ocorrências do tema da aquisição de dinheiro por parte dos sábios deixam a entender que estes não precisariam procurar pelo dinheiro, a exemplo da SV 43, na qual consta que: “Amar o dinheiro injusto é ímpio, e amar o dinheiro justo é feio, pois é indecente economizar sordidamente, até com o dinheiro justo”.<sup>73</sup> O tipo de vida comunitária que Epicuro estruturou dispunha de todas as condições essenciais para o alcance da vida feliz, não sendo necessária a incidência do dinheiro por parte dos discípulos. É interessante notar que o tema se expande, e Epicuro assente que, caso o sábio esteja em condições avessas, nas quais não consegue dispor daquilo que é necessário, ele pode procurar o dinheiro. Nesse caso, estaria procurando não enquanto um bem, mas enquanto um meio para se alcançar um outro fim. Afirma Epicuro: “E, estando em dificuldade, fará negócio, mas apenas pela sabedoria. E estará ao serviço do suserano no tempo oportuno”.<sup>74</sup> Fora isso, o sábio jamais deve equiparar o dinheiro à felicidade, porque aqueles que acreditam que o acúmulo de riquezas e a garantia da presença dessas no futuro, os farão felizes, estão cometendo um equívoco ao focar nas perspectivas futuras, em detrimento do momento presente e da felicidade que pode se construir a partir dele.

Também existem registros suficientes sobre Epicuro ter proibido a comunhão de bens no Jardim, alegando que ela podia trazer problemas para a amizade: “Epicuro não concordava que a sua propriedade fosse mantida em comum, conforme requerido pela máxima de Pitágoras - os bens dos amigos são comuns. Tal prática, a seu ver, implicava desconfiança, e, sem confiança, não há amizade”.<sup>75</sup> Algo que está em linha com o fato de que, para ele, a riqueza que existe na natureza é, como todas as outras coisas existentes, limitada: “A riqueza proveniente da natureza é limitada e viável; e das opiniões vazias cai no inabordável”,<sup>76</sup> uma assertiva que dá respaldo para a instrução de que, ao sábio, “ter posses será indiferente”.<sup>77</sup> O interessante é que, evitar a riqueza no sentido de não cultivar um desejo exacerbado por ela, não é o mesmo que recusá-la em toda e qualquer situação. Se o sábio, por consequências outras, acabar obtendo bens, ele deve estar preparado para distribuí-los de forma tranquila, fácil e justa. A distribuição dos bens e riquezas naturais entre os semelhantes parece ser algo diferente da comunhão ou mesmo da “aquisição particular de bens”.<sup>78</sup> Assim expressa Epicuro na *Sentença Vaticana* 67:

<sup>73</sup> Epicuro, 2021a, p. 111.

<sup>74</sup> DL, X, 121 (Epicuro, 2019, p. 496).

<sup>75</sup> DL, X, 11; Epicuro, 2019, p. 469; Giovacchini, 2019, p. 46.

<sup>76</sup> SV 8; Epicuro, 2021a, p. 39. Em linha com a MP XV: “A riqueza natural tem limites e é fácil de adquirir, mas aquela das opiniões vazias desvia-se para o ilimitado” (Epicuro, 2021b, p. 128).

<sup>77</sup> DL, X, 120; Epicuro, 2019, p. 496.

<sup>78</sup> Silva, Murachco, 2021, p. 159.

Uma vida livre não pode adquirir bens numerosos pelo fato de uma coisa não ser fácil fora da sujeição às multidões e aos poderosos; mas ela adquire tudo por uma abundância contínua. Se por acaso em algum lugar ela encontra muitos bens, também essas coisas são fáceis de distribuir em favor da boa disposição ao próximo.<sup>79</sup>

Os dados biográficos que comprovam a existência da distribuição de bens e riquezas entre os epicuristas, estão na própria aquisição do Jardim, que foi realizada a partir de uma compra coletiva, na qual os epicuristas de Lâmpsaco colaboraram com uma quantia considerável; e na distribuição de bens presente no *Testamento*, no qual Epicuro expõe e estabelece destinações específicas para os seus patrimônios, em linha com uma das condutas próprias do sábio epicurista: “Cuidará da sua propriedade e do futuro”.<sup>80</sup> No documento, consta, sobretudo, a vontade de Epicuro em transferir os seus bens para determinados sábios epicuristas, com a intenção de corroborar para a manutenção e para a sobrevivência do Jardim e de seus respectivos moradores.

Aminomaco e a Timócrates receberam todos os bens de Epicuro para que pudessem distribuí-los corretamente. Primeiramente, o Jardim e suas dependências deviam ser entregues a Hermarco, assim como aos companheiros e sucessores que ele deixaria para dirigir o Jardim – Epicuro também o legou todos os seus livros. E as rendas provenientes desses bens deveriam ser divididas por Aminomaco e Timócrates, em acordo com Hermarco, sendo usadas, também, para os sacrifícios fúnebres em homenagem a Epicuro e sua família; para as celebrações anuais de aniversário; para as reuniões mensais dos epicuristas, no “Vigésimo” (todo dia 20 de cada mês); e para a filha de Metrodoro que, quando crescesse, deveria receber uma quantia anual que teria por intuito garantir o seu sustento.<sup>81</sup>

Por causa da estrutura autossuficiente que Epicuro parece ter pensado para e feito operar no Jardim, a garantia da segurança mediante as microrrelações de amizade praticadas ali e originárias de uma conveniência mútua, eram sustentadas por uma perspectiva de apoio e ajuda também mútua. Um dos critérios bases da amizade epicurista está nos possível atos de assistência, isto é, de ajuda entre os amigos.<sup>82</sup> Acredita-se que essa característica faz da amizade um “bem robusto”, já que a sua bondade estaria apoiada na segurança fornecida pela ideia de que o amigo epicurista estava constantemente atento e pronto para oferecer ajuda ao seu igual, caso fosse necessário. “Caso necessário” porque, mediante a incorporação dos princípios básicos da doutrina e a sua prática estrita e bem regulada, o sábio, familiarizado com a *ataraxia*

<sup>79</sup> Epicuro, 2021, p. 159.

<sup>80</sup> DL, X, 120; Epicuro, 2019, p. 496; cf. DL, X, 17- 20; Epicuro, 2019, p. 471-472.

<sup>81</sup> Cf. DL, X, 16-21(Epicuro, 2019, p. 471-472).

<sup>82</sup> Cf. Rossi, 2017, p. 3 e 6.

difícilmente encontraria dificuldades em seu caminho. Em outras palavras: conforme os epicuristas do Jardim suprimiam as suas necessidades básicas de forma fácil e frugal, portanto, possuíam tudo aquilo que era necessário para uma vida feliz, a necessidade da ajuda se afastava; e talvez mais importante do que ela, o que também oferecia segurança ao epicurista era a confiança de que, se fosse preciso (e eles se esforçaram para que não), seu amigo estaria disposto a ajudá-lo. Essa ideia foi explicitada por Epicuro na SV 34, na qual afirma: “não temos tanta necessidade da ajuda dos amigos, como da confiança a respeito dessa ajuda”.<sup>83</sup>

### 2.3 As celebrações

Em paralelo às cerimônias tradicionais da cidade de Atenas, que ditavam o ritmo da sociedade, os sacrifícios e as celebrações que aconteciam mensal e anualmente no Jardim também ditavam o ritmo e o arranjo da comunidade epicurista. Anualmente, aconteciam sacrifícios fúnebres e mais cinco celebrações de aniversário, do mestre, dos seus três irmãos e de Polieno; e mensalmente, eles realizavam o Vigésimo, uma celebração que se deu primeiro em homenagem a Metrodoro e, depois da morte de Epicuro, em homenagem a ambos.

Clay indica que, por ter sido realizado no dia vinte de todo mês, uma ligação com a religiosidade grega é estabelecida: esse também era o dia de Apolo<sup>84</sup>. E Festugière indica uma outra coincidência: algumas práticas comuns entre os iniciados nos Mistérios de Elêusis, cujos cultos Epicuro frequentou, eram a de dar a si mesmos uma folga no quarto e vigésimo quarto dia de todo mês, quando realizavam um pequeno ritual, bebiam vinho quente e cuidavam de suas estátuas.<sup>85</sup> O comentador sugere que, analogamente, Epicuro realizava reuniões no vigésimo dia de cada mês, no interior de sua comunidade, na companhia de e em homenagem à sua “família filosófica”.<sup>86</sup> E se os tementes aos deuses tomavam taças de vinho quente; no Vigésimo, os sábios, que viviam frugalmente, banquetevam-se com copos de vinho e pedaços de queijo dada a ocasião especial. Tal hábito está expresso num epigrama de autoria do próprio Epicuro: “Manda-me um pequeno pote de queijo – diz –, para que, quando quiser, possa refastelar-me suntuosamente”, e no texto de Laércio, quando fala sobre a parte mais básica e cotidiana da conduta dos sábios epicuristas: “contentavam-se com metade da dose de vinho e, no restante, eram completamente consumidores de água”.<sup>87</sup>

<sup>83</sup> Epicuro, 2021a, p. 93.

<sup>84</sup> Clay, 2011, p. 19.

<sup>85</sup> Festugière, 1956, p. 52-53.

<sup>86</sup> Reis, 2021, p. 18.

<sup>87</sup> DL, X, 11 (Epicuro, 2019, p. 469).

O Vigésimo era uma reunião comum aos epicuristas, como todas as outras; mas, particularmente, existia como uma homenagem a eles mesmos e àqueles que seriam, dentre eles, os mais célebres epicuristas porque mais felizes – são eles, Epicuro e seu melhor amigo, Metrodoro. A lembrança do modo de vida praticado por ambos perdurou por tempos entre os epicuristas,<sup>88</sup> provando que a vida de um sábio pode ser semelhante à dos deuses, pois além de terem gozado de uma felicidade quase divina, moderando os seus desejos e vivendo prazerosamente; depois de mortos, eles conquistaram um tipo de “imortalidade” por permanecerem vivos na memória e na ação de seus amigos. Se tornando, pois, os melhores exemplos para os seus discípulos, que por desejarem copiá-los, cultivavam a emulação sob um contexto quase “religioso”, de um profundo reforço do “sentido de identidade comunitária”.<sup>89</sup>

Isso é importante porque, as ideias de “vida feliz” e “bem aventurança” em Epicuro, são conceitos-chave derivados da compreensão da existência divina. Explicou Epicuro a Meneceu:

Primeiramente, considerando deus como um vivente incorruptível e bem-aventurado segundo a noção comum de deus como traçada em nós, nada atribuas de estranho à sua incorruptibilidade nem de impróprio à sua bem-aventurança; mas, no que concerne ao divino, forma em ti toda opinião que pode preservar-lhe a bem-aventurança com a incorruptibilidade.<sup>90</sup>

Os deuses, estranhos a todo e qualquer sofrimento, representavam o modelo de máxima *ataraxia* para os sábios. E se, em linha com a concepção de divino supracitada, pensarmos a existência de um culto a figuras quase divinas, como Epicuro e Metrodoro, no Jardim, pode-se dizer que tal atividade tinha menos o objetivo de exigir dessas figuras algo que o próprio sábio epicurista deveria ser capaz de se proporcionar (como a tranquilidade), e mais o foco de recuperar as lembranças dos modos de vida excepcionais dos primeiros epicuristas, a fim se rememorar-los e, por consequência, inspirar-se neles.

Assim, pois, um outro e importante elo era rememorado e sua origem, atualizada: o da amizade. A autarquia é um elemento presente em todas as atividades supracitadas, na medida em que, quando o epicurista age, ele considera a si próprio como o princípio da ação, sendo alguém capaz de discernir sobre aquilo que cabe a ele (*par'hemâs*) mesmo realizar. A contrapartida dessa ação autárquica é precisamente comunitária: a prática da autarquia não resulta em uma subjetivação do discípulo, mas em uma espécie de preparo para que este esteja

<sup>88</sup> Sabe-se que essa empresa foi tão bem-sucedida, que mais de três séculos depois da morte de Epicuro, os cultos do *Vigésimo* eram constantemente praticados em Roma e em Herculano, na Itália. A dispersão foi tamanha que os epicuristas romanos possuíam uma certa tradição de estampar a imagem de Epicuro não somente em retratos, mas em xícaras e anéis (cf. Clay, 2011, p. 15-20; Reis, 2021, p. 17).

<sup>89</sup> Clay, 2011, p. 19.

<sup>90</sup> DL, X, 123 (Epicuro, 2021b, p. 85).

pronto para lidar com o seu semelhante: “conseguir o bastante para si mesmo não exclui a possibilidade de compartilhar o contentamento que expressa a *autárkeia* com aqueles que vivem numa mútua conveniência (*ophéleia*)”.<sup>91</sup> O sábio, ao tomar e por tomar o princípio da sua ação e bastar a si mesmo, encontra-se melhor e mais preparado para a vida em comum, para a partilha, podendo finalmente alcançar a vida feliz por estar em consonância com um outro que lhe é semelhante e que partilha das mesmas conveniências que a dele. Afinal, é mesmo isso que afirma a SV 44: “O sábio, depois de julgar as coisas em função da necessidade, sabe mais dar em partilha, do que tomar em partilha. Tão grande tesouro da autarquia ele encontrou”.<sup>92</sup>

### Conclusão

O conjunto das atividades, dos exercícios filosóficos existentes na comunidade do Jardim de Epicuro, que neste texto foram tipificados e derivados do modo de vida epicurista subjacente a biografia preservada por Laércio, teve por intenção materializar o que poderia ter sido o caminho para a obtenção do prazer dentro dessa vida despercebida, ignota, e em acordo a natureza (*katà phýsin*). A fundação do Jardim se dá por contraposição à vida cidadina de Atenas, como uma resposta a algumas das consequências mais negativas do domínio do Império Macedônico sob esta. Um exemplo dessas consequências foi a fome que repercutiu pela cidade de Atenas, em razão da mudança do polo comercial da Grécia de Atenas para Alexandria.<sup>93</sup> Ou, ainda, o medo causado pelas superstições acerca dos possíveis castigos dos deuses e, sobretudo, da morte como o pior deles. Diante desse cenário, Epicuro oferece o afastamento da cidade como um remédio para os males causados pela nova e precária vida em Atenas, que se tornou a grande marca contextual do período helenístico.

O que parece ter sido vivido e experimentado pelos epicuristas do Jardim, resultou na configuração de um “universo restrito”,<sup>94</sup> cujas práticas e atividades cotidianas encontravam-se a serviço dos ideais mais centrais da doutrina. Identificamos que essas atividades praticadas entre os epicuristas do Jardim, regidas pelo elo da amizade, um dos elementos centrais da filosofia epicurista, giravam em torno de três principais frentes: em prol do ensino da doutrina, da prática da autossuficiência e do cultivo de celebrações. Essas atividades foram tão bem consolidadas no interior do Jardim, porque realizadas pragmaticamente pelos seus adeptos, que, juntas, formam aquilo que há de mais prático dentro do modo de vida epicurista, o espelho de

<sup>91</sup> Silva, 2003, p. 88.

<sup>92</sup> Epicuro, 2021a, p. 113.

<sup>93</sup> Cf. Gual, 2002, p. 23; Droysen, 2010, p. 504.

<sup>94</sup> Termo utilizado por Silva, ao afirmar que Epicuro precisou “optar por um universo restrito e ordenado de amigos” (Silva, 2003, p. 91).

sua *pragmateia*. Pode-se dizer, portanto, que são essas algumas das performances próprias do que pode ser entendido como um “modo de vida epicurista”: essencialmente comunitário e indispensável ao alcance da vida feliz segundo Epicuro.

## Referências

- ARRIGHETTI, Graziano. *Epicuro Opere*. Torino: Giulio Einaude, 1960.
- BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette, 1963.
- BRUN, Jean. *Epicure et les épicuriens – textes choisis*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.
- \_\_\_\_\_. *O Epicurismo*. Trad. Rui Pacheco. Lisboa: Edições 70, 1959.
- CARO, Tito Lucrécio. *Sobre a natureza das coisa: De rerum natura*. Trad. Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas*. Volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CLAY, Diskin. *Lucretius and Epicurus*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O Epicurismo: escola e tradição*. In: GIGANDET, A.; MOREL, P.-M. (Orgs). *Ler Epicuro e os epicuristas*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- CURADO, Ana Lúcia. “Introdução”. In: APOLODORO. *Contra Neera*. [DEMÓSTENES] 59. Trad. Glória Braga Onelley. Intro., notas e índice de Ana Lúcia Curado. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- DORANDI, Tiziano. “O Corpus Epicurista”. In: GIGANDET, A.; MOREL, P.-M. (Orgs). *Ler Epicuro e os epicuristas*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- DROYSSEN, Johann Gustav. *Alexandre o Grande*. Trad. Regina Shöpke e Mauro Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- EPICURO. “Antologia de textos”. In: *Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- \_\_\_\_\_. *As sentenças de Epicuro*. Trad. Markus Silva e Henrique Murachco. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021a.
- \_\_\_\_\_. *Cartas & Máximas principais: “Como um deus entre os homens”*. Trad. Maria Cecília Reis. São Paulo: Penguin-Companhia, 2021b.
- \_\_\_\_\_. *Diógenes Laércio, livro X: Epicuro – Notas Preliminares e Tradução*. Trad. Reina Pereira. LaborHistórico, Rio de Janeiro, 5 (2): 443-511, jul.-dez. 2019.
- FARRINGTON, Benjamin. *A doutrina de Epicuro*. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- FESTUGIÈRE, Andre-Jean. *Epicuro and his Gods*. Translated Cecil William Chilton. Massachusetts: Harvard University Press Cambridge, 1956.
- GIESECKE, Annette. *The Epic City: urbanism, utopia and the garden in ancient Greece and Rome*. Washington, D.C.: Center for Hellenic Studies/Trustees for Harvard University, 2007.
- GIOVACCHINI, Julie. *Epicuro*. Trad. Guilherme João Teixeira e Jaime Clasen. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

GREENBLATT, Stephen. *A virada: o nascimento do mundo moderno*. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GUAL, Carlos. *Epicuro*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

GUERRA, Adele. *La Scuola di Epicuro: Metrodoro-Polieno-Ermarco*. CERC 30, 2000.

HADOT, Pierre. *A Filosofia como Maneira de Viver: Entrevistas de Jeannie Carlier e Arnold I. Davidson*. São Paulo: É Realizações, 2016.

\_\_\_\_\_. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Trad. Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia antiga?* Trad. Dion Davi Macedo. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

LONG, Alex; SEDLEY, David. *The Hellenistic Philosophers 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

LONGO AURICCHIO, Francesca. *La scuola di Epicuro*. In: CERC 8, pp. 21–37, 1978.

NUSSBAUM, Martha. *The Therapy of Desire: Theory and Practice in Hellenistic Ethics*. Princeton: Princeton University Press, 2013.

PEREIRA, Reina. *Diógenes Laércio, livro X: Epicuro – Notas Preliminares e Tradução*. LaborHistórico, Rio de Janeiro, 5 (2): 443-511, dez. 2019.

PESSANHA, José Américo. “As delícias do Jardim”. In: NOVAES, A. (Org.). *Ética*. São Paulo: Companhia de Letras, 1992.

REIS, Maria Cecília. “Apresentação”. In: EPICURO. *Cartas & Máximas principais: “Como um deus entre os homens”*. Trad., apresentação e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis; Intro. de Tim O’Keefe. São Paulo: Penguin-Companhia, 2021.

ROSSI, Benjamin. *Squaring the Epicurean Circle: Friendship and Happiness in the Garden*. Mathesis Publications: Ancient Philosophy 37, 2017.

ROSKAM, Geert. *Live Unnoticed: On the Vicissitudes of an Epicurean Doctrine*. USA: Brill, 2007.

SANTOS, José. “Prefácio”. In: *As sentenças de Epicuro*. Trad. e comentários de Markus Figueira da Silva e Henrique Murachco; Prefácio de José Trindade Santos. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021.

SEXTO EMPÍRICO. *Contra los dogmáticos*. Trad. Jorge Bergua Caverio. Madrid: Editorial Gredos, 2012.

SILVA, Markus. *Epicuro: Sabedoria e Jardim*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal: UFRN, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2003.

\_\_\_\_\_. “Lathe Bíosas: autákeia, libertà e amicizia in Epicuro”. In: CORNELLI, G.; CASERTANO, G. (Org.). *Pensare la città antica: categorie e rappresentazioni*. Nápoles: Loffredo Editore, 2010.

\_\_\_\_\_. *Termos Filosóficos de Epicuro*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

SILVA, Markus; MURACHCO, Henrique. “Tradução e comentários”. In: *As sentenças de Epicuro*. Trad. e comentários de Markus Figueira da Silva e Henrique Murachco; Prefácio de José Trindade Santos. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021.

SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as bases do epicurismo*. São Paulo: Paulus, 2013.

USENER, Hermann. *Epicurea*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

VARA, José. Introducción: “Epicuro o el destino del hombre es la felicidad”. In: EPICURO. *Obras completas (Epístola a Heródoto, Epístola a Meneceo, Epístola a Pítocles, Máximas Capitales, Sentencias Vaticanas y fragmentos)*. Edición y Traducción de José Vara. 9 ed. Madrid: Ediciones Cátedra (Grupo Anaya, S. A.), 2012.

WOLFF, Francis. *Pensar com os antigos: uma riqueza de todo o sempre*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

ΛΑΝΘΑΝΩ. In: *Dicionário Digital Grego-Português*. São Paulo: Letras Clássicas Digitais FCLAr/UNESP, 2022. Disponível em: <<http://perseidas.fclar.unesp.br/3x/gword/24624>>. Acesso em: 12 de julho de 2024.